

**A EDIÇÃO DE REVISTAS
E SITES LITERÁRIOS
MATO-GROSSENSES
– ENTREVISTA COM
LORENZO FALCÃO,
EDUARDO MAHON E
WULDSON MARCELO**

*THE EDITION OF
LITERARY MAGAZINES
AND WEBSITES IN MATO
GROSSO – INTERVIEW
WITH LORENZO FALCÃO,
EDUARDO MAHON AND
WULDSON MARCELO*

Helvio Moraes (UNEMAT)¹

Resumo: Em comemoração aos dez anos do caderno literário *Nódoa no Brim*, entrevistamos os editores de três dos mais atuantes sites e revistas literários de Mato Grosso que estiveram ou têm estado em atividade nos anos recentes. Nosso interesse foi saber o que os levaram a criar, individual ou coletivamente, estas publicações para a difusão da literatura, os impasses que enfrentaram, o papel de tais publicações na promoção da cultura literária do estado, as experiências oriundas deste trabalho e suas expectativas para a cena literária mato-grossense.

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: helvio.moraes@unemat.br

Palavras-chave: Revistas literárias; sites literários; edição de revistas; literatura mato-grossense

Abstract: In celebration of the ten years of the literary *journal Nódoa no Brim*, we interviewed the editors of three of the most active literary websites and magazines in Mato Grosso, which had or have been active in recent years. Our interest was to know what led them to create, individually or collectively, these publications for the dissemination of literature, the impasses they faced, the role of such publications in promoting the state's literary culture, the experiences arising from this work and their expectations for the literary scene in Mato Grosso.

Keywords: Literary journals; literary websites; edition of journals and magazines; literature from Mato Grosso.

Em comemoração aos dez anos do caderno literário *Nódoa no Brim*, entrevistamos os editores de três dos mais atuantes sites e revistas literários de Mato Grosso, que estiveram ou têm estado em atividade nos anos recentes. Nosso interesse foi saber o que os levaram a criar, individual ou coletivamente, estas publicações para a difusão da literatura, os impasses que enfrentaram, o papel de tais publicações na promoção da cultura literária do estado, as experiências oriundas deste trabalho e suas expectativas para a cena literária mato-grossense.

Lorenzo Falcão é poeta, prosador e jornalista cultural. Desde 2010, edita o site *Tyrannus Melancholicus* (<https://www.tyrannusmelancholicus.com.br/>), que divulga obras e informações sobre a cena cultural, com ênfase na literatura, não somente do estado, mas do país e do mundo.

Eduardo Mahon é advogado, dramaturgo, poeta e prosador. Editou a *Revista Literária Pixé* (<https://www.revistapixe.com.br/>), de 2019 a 2023, quando foi descontinuada. *Pixé* teve como objetivo divulgar a Literatura e a arte contemporânea em Mato Grosso. Surgiu como periódico eletrônico, mas, posteriormente, teve impressas as publicações referentes aos primeiros anos.

Wuldson Marcelo é escritor e cineasta. Compõe a equipe de editores do site *Ruído Manifesto* (<https://ruidomanifesto.org/>), que, desde 2017, divulga autores e obras da literatura brasileira, assim como artigos e ensaios de crítica literária e cultural e uma ampla seleção de curtas-metragens.

Helvio Moraes - Qual foi o momento ou o *insight* que os levou a criar – individual ou coletivamente – a revista/site e quais são os maiores desafios deste trabalho numa região distante dos ditos centros culturais hegemônicos?

Lorenzo Falcão - O *tyrannus melancholicus* surgiu como blog em 2010. Eu e minha saudosa esposa – Fátima Sonoda, estávamos prontos pra uma viagem pela Europa e decidimos criar o endereço pra postar imagens e textos reportando nossa incursão pelo Velho Mundo. A viagem foi maravilhosa e o blog teve uma parte nisso. De volta, continuamos com o blog escrevendo crônicas a quatro mãos e o acesso ao endereço crescendo. Em 2012, decidi transformar o *tyrannus* num site, portal ou qualquer coisa assim, de notícias culturais, mas, também abordando questões ambientais, sociais, científicas, enfim, temas importantes para a sociedade, mas que não atraem a maior parte da população. Mas, como site, a literatura em prosa e verso, também tinha espaço prioritariamente reservado. Sobre os desafios de realizar esse tipo de empreitada num local aparentemente fora do eixo cultural, eles têm a ver com a infinitude de endereços que existem na web nos quais você acaba se inserindo. Como lidar com isso? A resposta é ser original na abordagem das pautas e na qualidade do texto. E seguir a dica deixada por Tolstói: “Canta a tua aldeia e cantarás o mundo”. Considerando, claro, que o próprio mundo é uma aldeia global.

Eduardo Mahon - Percebi que boa parte da movimentação literária contemporânea converge para o periódico. Mesmo que os autores não coincidam no estilo, o periódico é um eixo de atração. A tônica da movimentação literária varia de acordo com a facilidade de publicação do periódico. Em regiões em que é mais simples e menos oneroso publicar, mais seletivo pode ser o grupo de autores convidados. Pelo contrário, quanto maior a dificuldade de publicação, mais heterogêneo é o coletivo porque todos estão interessados em divulgar o seu trabalho, não importando se haverá ou não convergência estética.

Com relação ao binômio margem/centro, a proposta digital, se não supera a dificuldade, pelo menos a mitiga. Acho curioso que, nos primeiros números da *Pixé*, haja artistas mato-grossenses a fim de fazer do periódico um grande vernissage. Com o tempo, outros artistas nacionais e várias expressões ganharam destaque. Os dois últimos anos de publicação foram especialmente dedicados ao diálogo entre a produção literária nacional e a produção artística internacional. Deixar de olhar o próprio umbigo para observar o que acontece no mundo é fundamental. Acho, inclusive, que, se houvesse vida em Marte, o próximo passo seria convidar um marciano para um dos números da *Pixé*.

Wuldson Marcelo - A *Ruído Manifesto* nasceu em 2014 idealizada pelo escritor e jornalista Rodivaldo Ribeiro. Ele reuniu um grupo de pessoas envolvidas com literatura, poesia, cinema e os convidou para fazer parte do projeto. Só que foram três anos para, realmente, a *Ruído* passar do plano das ideias para o mundo concreto. Infelizmente, Rodivaldo faleceu em 2020, um ano muito difícil, com pandemia e os ataques promovidos à cultura, à arte por setores conservadores do país e pelo governo

federal. Decidimos continuar, apesar da tristeza e para levar adiante o que Rodi construiu conosco nesses três anos de atuação em que pode contribuir com sua sagacidade, fina ironia e desejo de justiça social.

A *Ruído Manifesto* sempre foi, desde a sua origem, coletiva, voltada para revelar os brasis existentes no nosso Brasil. E fazer isso sendo mato-grossense. E é justamente esse o nosso *leitmotiv*. Um espaço para traduzir o Brasil, levar Mato Grosso para o mundo e o mundo para Mato Grosso. A ideia de democratizar não a literatura, mas a forma de divulgá-la. E ter em mente que há uma pluralidade de vozes reafirmando, consolidando, renovando a arte da escrita e a arte em geral, pois a *Ruído Manifesto* é uma revista virtual de arte e cultura, não somente literária.

Dois desafios que propomos enfrentar, até por comporem a razão de nossa existência, são o de vencer o obstáculo da localização geográfica – que nós também alimentamos quando permitimos que a vergonha e o receio do ‘não’ nos impeçam de começar o contato inicial com autoras e autores já conhecidos do público leitor –, pois é preciso mostrar a seriedade da revista, no sentido de que vale a pena investir em algo novo e com sua sede em uma região periférica, longe do “glamour” dos sucessos do mercado editorial. Uma das barreiras também está no mercado editorial, por isso pensamos muitos nas escritoras e escritores ainda não publicados ou que não têm a devida atenção das editoras no que tange ao lançamento e à divulgação.

O segundo desafio penso que é local, já que não atingimos o interior de Mato Grosso como é o nosso intento. Uma das nossas maiores preocupações. Temos colunistas que são e vivem no estrangeiro, como Irã e Venezuela, e não conseguimos chegar até Colíder, por exemplo, e ter um especial de autoras e autores

do município. Como criar essa ponte entre capital e interior é algo que perdura de discussões já antigas. E é o nosso desafio-mor para 2024.

Helvio Moraes - Como veem o papel da revista/site na preservação e na promoção da cultura literária na região?

Lorenzo Falcão - O *tyrannus* é fruto de uma experiência intensa que venho acumulando com as lides culturais, especialmente, como jornalista. Elas incluem cinema, teatro, artes plásticas, música, dança e, principalmente, literatura. A literatura chegou primeiro em minha vida, com a ótima biblioteca que meu pai montou. O que quer dizer que venho lendo muito, de forma incessante, desde os oito anos de idade. Então, posso dizer que sou um interessante compartilhador das letras, com longa bagagem. A partir de 2017, incrementei mais literatura em minha vida. De 2018 até 2023 lancei quatro livros e esse envolvimento com a autorialidade repercutiu também no conteúdo do site, logicamente. Trabalho a literatura para além do academicismo e friso aqui o Kafka, um dos primeiros grandes autores universais a mencionar que ela – a literatura – precisava estar impregnada pelas vozes que chegam das ruas. Ofereço uma diversidade inesgotável aos meus internautas. E também visibilidade pra esse povo audacioso (escritores/as) que quer mostrar seus escritos.

Eduardo Mahon - Tenho um dogma de fé e não abro mão dele. Não palpito sobre a importância do meu próprio trabalho. A minha seguramente é a opinião menos confiável que o leitor poderia ter. Os números da *Pixé* são passíveis de investigação

científica. Todo o material está disponível no site que mantemos no ar. Quem responderá essa pergunta serão os pesquisadores.

Portanto, vou procurar responder de forma indireta. Como editor da *Pixé*, posso dizer que os periódicos anteriores impactaram indelevelmente a produção literária mato-grossense. Mesmo aqueles com curtíssima duração, nos anos 50 e 60 do século XX. Uma revista serve como uma fotografia do momento e reflete o pensamento de um grupo que se une por diversas razões, nunca por coincidência. *Sarã* teve o mérito de lançar o Manifesto Intensivista; *Vôte* amalgamou a Geração Coxipó. E a *Pixé*? Não faço a menor ideia de como ela pode ser compreendida. Faço questão de militar nessa ignorância.

No entanto, um fato é incontornável. O mesmo periódico ganha novas dimensões com o passar do tempo. O caso do *Nódoa no Brim*, por exemplo, é particularmente interessante. Nasceu como suplemento por apoiar-se na publicação em meio físico de jornal e rapidamente passou a ser um veículo para resenhas e divulgação acadêmica. Com a projeção virtual, a acuidade visual aumentou notavelmente. Desconfio mesmo que haja um ponto de interseção entre o legado da *Pixé* e a nova fase do *Nódoa*. Esse diálogo é contínuo porque a literatura (a arte em geral) não sobrevive sem os espaços de troca.

Wuldsen Marcelo - Entendo a *Ruído Manifesto* como um ‘arsenal’ de memórias artístico-literárias do que é realizado em Mato Grosso. Mas falta avançar mais (e muito) nesse sentido. Sem entrar na seara do debate sobre quantidade e qualidade, é preciso que a literatura das autoras e autores da região chegue às pessoas. Então estamos falando de acesso, conhecimento, direitos. Direito de escrever, direito de mostrar o que se escreve e direito de receber conto, poema, crônica, ensaio etc. Na *Ruído*,

nós temos uma espécie de lema, que é “É melhor errar dando uma chance, que errar negando oportunidade”. Por mais que a crítica tenha o seu papel nessa organização – para mim, uma função que merece ser incentivada e respeitada -, é a leitora e o leitor que decidirão o destino do que é publicado. E digo isso tendo em mente que temos autoras e autores excepcionais que permanecem anônimos por receio de se lançar no meio literário, ou que não sabem como fazê-lo. Para muita gente o que fazer para publicar seus escritos é ainda um mistério. Mesmo compreendido como burocrático, “panelinha”, o que desestimula. Há os casos dos que publicam, mas não têm como divulgar. São muitas carências e gargalos nessa composição do que é a literatura em Mato Grosso.

Penso que a *Ruído Manifesto* significa, ou pode vir a significar, as primícias de autoras e autores, o meio de propagação da arte literária do estado e um incentivador da nossa História, da nossa memória literária.

Helvio Moraes - Vocês se lembram de alguma experiência inovadora (ou não muito convencional) que tentaram fazer na revista/site e que lhes trouxe satisfação?

Lorenzo Falcão - Me lembro sempre de uma frase do Wladimir Dias-Pino: “toda arte é experimental”. Penso que o jornalismo cultural deve seguir sempre por aí, mas as experiências inovadoras não devem necessariamente ser perseguidas desesperadamente. Considero que elas surgem em contextos especiais de nossas vidas, quando precisamos resolver alguma coisa, para além das regras estabelecidas, já desgastadas e caretas. É aí que surgem as oportunidades. Quando resolvi

transformar o *tyrannus* em site, a maior parte das pessoas me disse que o nome, uma palavra em latim, em nada contribuiria e até dificultaria a acessibilidade e a expansão do site. Eu e minha esposa ficamos pensando em outros nomes durante vários dias e nada achamos que nos agradasse. Aí, batemos o martelo: *tyrannus melancholicus* mesmo e que se dane o marketing. Meu histórico de vida e de labuta com as artes sempre foi meio jazzístico. Improviso e intuição são ferramentas contra paradigmas, regras e mesmices. E como aprecio e procuro o lado prático das citações, vai mais uma aqui: “só existe uma regra definitiva: não há regras definitivas”.

Eduardo Mahon - Achei interessante usar as fotografias de experimentos com escultura. A russa Tatiana Brodatch, que atualmente mora e expõe em Milão, e o argentino Geraldo Feldstein ilustraram edições que me chamaram atenção. Tatiana (também Francien Krieg, noutra edição) volta sua atenção para corpos decadentes em situações inusitadas, geralmente felizes. O material é a massa de modelar que é fotografada em perspectiva. Daí surge algo surpreendente, impactante, revigorante. Já Geraldo Feldstein manipula os corpos, ora reduzindo-os, ora aumentando-os. Contudo, as situações da obra são completamente diversas. As figuras, em regra massacradas por um contexto de produção em escala, tentam resistir à pressão. Uma enorme dramaticidade se apresenta ao observador, talvez a exasperação que essa tal pós-modernidade trouxe, a insegurança dos nossos tempos, a virtualidade do que antes estava consolidado como força. Tive satisfação em ter esses dois artistas publicando na *Pixé*. Também gostei muito do italiano Sandro Giordano e do

inglês Edward Povey, um artista extremamente valorizado no mercado internacional.

Wuldson Marcelo - Para as comemorações do sexto ano da *Ruído Manifesto*, tivemos a ideia de convidar duplas de poetas para escreverem juntos um poema, um especial que batizamos como “A Arte do Encontro”. Acredito que não chegue a ser uma experiência inovadora, porém é algo incomum na poesia. Muitos recusaram por considerarem que o fazer poético é um ato solitário, alegando que não se sentiriam à vontade compondo poema com outra pessoa. Mas é justamente aí que residia o desafio e nós não sugerimos nenhum critério, era algo completamente livre. Tivemos excelentes resultados, com algumas parcerias improváveis que provaram que a arte é sempre surpreendente.

Helvio Moraes - **Qual é o aspecto que consideram o mais gratificante do trabalho como editores e que talvez as pessoas não percebam?**

Lorenzo Falcão - Já abro a resposta com uma fala do Milton Hatoum, quando ele esteve na segunda Literamérica aqui em Cuiabá, em 2006: “O jornalismo bem feito é literatura”. E eu descobri há muitos anos que editar e escrever poesia são coisas emparentadas. “Manobrar palavras”, conforme disse Manoel de Barros. O prazer de encaixar palavras num espaço delimitado para dar títulos às matérias me soa bem semelhante ao de tecer um poema. Ter o dom da palavra e saber usá-lo é uma seara na qual a gente pode e precisa evoluir. E é isso que meio sem querer querendo venho fazendo ao longo dos tempos: “fingindo ser o que já sou”, como diz a canção “Liberdade”, do

Marcelo Camelo. Liberdade é demais de bom tê-la. Já trabalhei como editor de cultura em vários veículos e sempre me dei bem, mas faltava algo, algo que chegou com o *tyrannus*: fazer do meu jeito, livremente. Abri a resposta com Hatoum, fecho com Susan Sontag: “literatura é liberdade”.

Eduardo Mahon - A oportunidade que se dá aos outros é o maior prazer para um editor. No caso da *Pixé*, havia uma considerável fila de artistas e escritores. Para ter uma exata compreensão da demanda que tínhamos, se eu resolvesse retomar o periódico, nos meus arquivos há mais de 20 artistas para ilustrar e inúmeros textos que não foram publicados em razão da descontinuação da revista. Trocando em miúdos, eu percebia uma intensa vontade de fazer da *Pixé* uma galeria pública para exposições. Digo o mesmo quanto aos escritores.

Começamos com os colegas de Mato Grosso, ganhamos a dimensão nacional, fizemos números internacionais e fomos publicados na China. Após alcançar os primeiros números em meio físico, os artistas e escritores ficaram ainda mais interessados. Afinal de contas, qual o periódico brasileiro que consegue publicar uma coletânea anual com mais de mil páginas? Já foram dois calhamaços, faltam ainda outros três anos. Imaginem como há material a ser reunido e publicado! Não contei os textos, os escritores, os artistas envolvidos com a *Pixé*. Acho aborrecido fazer essa contabilidade. Só de pensar em números aproximados, fico satisfeito. A oportunidade é essencial para o artista.

Wuldson Marcelo - Acredito que é a possibilidade de dar a primeira oportunidade de publicação para uma escritora ou

escritor. Às vezes quem escreve luta diariamente contra a baixa autoestima ou a incerteza sobre o próprio talento. Criar um espaço acolhedor e que estabeleça um diferencial para quem só precisa de um auxílio ou de uma palavra de incentivo é essencial. “Aprovamos os seus escritos para publicação” é uma frase que tem muita força. Muita gente tem medo de ser julgada, exige uma alta dose de coragem correr o risco de enviar poemas, contos etc. para uma revista. Por isso levamos muito a sério a ideia de que é melhor errar dando uma chance que errar negando uma oportunidade.

Helvio Moraes - O que esperam para a cena literária mato-grossense nos próximos anos? Algum desejo ou expectativa?

Lorenzo Falcão - Desejo e antevejo um patamar bastante satisfatório na qualidade da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Sinto a falta de um autor genial como foi o Ricardo Guilherme Dicke, que foi super elogiado por gente como Guimarães Rosa, Glauber Rocha e Hilda Hilst, entre outros. Uma vez entrevistei o artista plástico Gervane de Paula e ele disse: “artista não é que nem banana que dá em cacho”. E o que dizer, então, de artistas geniais? Percebo que alguns autores enraizados aqui mostram um certo descontentamento com essa canonização, até porque, às vezes, o elogio aos outros causa uma certa inveja e a literatura é feita sim por seres humanos que trazem dentro de si a vaidade e o orgulho demasiado. Coisa que vou chamar aqui de ‘amor impróprio’. Eu sempre gosto de dizer que não sou nada, mas nada mesmo genial. Então, o que me resta, o que me cabe, é ir melhorando com meus escritos e

aproveitando cada vez mais o acúmulo de experiências literárias que venho experimentando ao longo de tantas décadas. Melhorar é um verbo que não cessa nunca. E é preciso saber conjugá-lo em todas as pessoas do singular e do plural.

Eduardo Mahon - Não costumo esperar nada. A projeção é tão deletéria quanto a prescrição. Vou me resumir no atual instante. Claro que é uma impressão absolutamente individual, com base no meu próprio desejo. Tudo indica que a temática contemporânea é tributária do viés ético que se tornou dominante. Estou observando uma preocupante aproximação entre a produção literária e um biografismo ou, até pior, um moralismo inusitado em arte contemporânea. O texto vale menos do que o autor que o manipula para vencê-lo em seu protagonismo junto ao leitor. Acho um tanto patético, porque nós, os escritores, morremos muito mais rapidamente do que a obra, mesmo a pior delas. O livro, se é bom, sobrevive ao autor. Se é ruim, deveria morrer primeiro.

Na minha opinião, o fenômeno moralizante não é percebido pelos escritores que se colocam em posição subsidiária. O que não falta hoje em dia é o medo da divergência, do cancelamento, desse horrível patrulhamento do politicamente correto. Desconfio que muita coisa boa não é publicada (ou reconhecida) pela autocensura autoral ou pelo receio dos críticos amedrontados com eventuais polêmicas. Mesmo sabendo que o mundo dá voltas, ainda fico perplexo de como os artistas se colocaram reféns desse regramento tão embolorado. Talvez nunca tenham saído dele. Não sei bem, na verdade.

O que espero? Espero que essa cartilha piore as coisas. Talvez, quando chegarmos ao fundo do poço, isto é, quando não

haja mais uma simples história para contar, nos daremos conta de que a estética do texto vale mais do que seus programas políticos que são passageiros. Por enquanto, só posso achar graça desse complexo que pretende revisar o passado, desconstruí-lo e reconstruí-lo, porque, no fundo, sofreremos os mesmos efeitos mais adiante. Se a revisão já é uma atividade maçante, a fiscalização é insuportável.

Wuldson Marcelo - Espero que a literatura mato-grossense receba um incentivo maior do poder público. Não apenas no que concerne à publicação, mas também quando consideramos as etapas de divulgação e distribuição. É fundamental a presença de nossas autoras e autores nos currículos escolares, que as alunas e alunos das escolas públicas (e privadas) conheçam a produção literária do estado.

Há um movimento bonito de jovens autores, de escritoras e escritores negros, indígenas e LGBTQIA+ que precisa e merece ganhar visibilidade. De alguma forma, a *Ruído Manifesto* contribuiu para que alguma novidade surgisse e para que muitos iniciantes tivessem a chance de uma primeira publicação de alcance nacional. Se bem que, quando se trata do mundo virtual, há essa possibilidade de se chegar mais longe do que se espera, de maneira acelerada, pois basta uma pesquisa e um clique.

Além disso tudo, espero que possamos mapear e registrar as literaturas feitas em Mato Grosso, conhecermos as histórias que têm para contar, confirmando a importância da pluralidade na arte.